

Morte e resistência: a América Latina segundo o jornal *Versus* (1975-1979)

ROBERTO DA SILVA RODRIGUES*

Resumo: O objetivo do presente artigo é analisar a forma como o jornal *Versus*, periódico alternativo que circulou entre 1975 e 1979, influenciou em uma cultura política de oposição e resistência, em um contexto no qual vários países da América Latina passavam por regimes de exceção. A temática da América Latina foi um dos aspectos a distinguir o jornal dos demais periódicos, em um enfoque que procurou utilizar do significante da morte como alegoria de uma época de repressão e perseguições políticas. Posteriormente, o tema da América Latina tornou-se uma das divergências entre os produtores do jornal. Tal divergência deu-se entre o grupo do idealizador do periódico, Marcos Faerman, e a organização política Convergência Socialista que, posteriormente, exerceu influência e controle sobre o periódico, passando a priorizar temas sobre a política brasileira em detrimento da temática da América Latina.

Palavras-chave: Imprensa alternativa; *Versus*; América Latina.

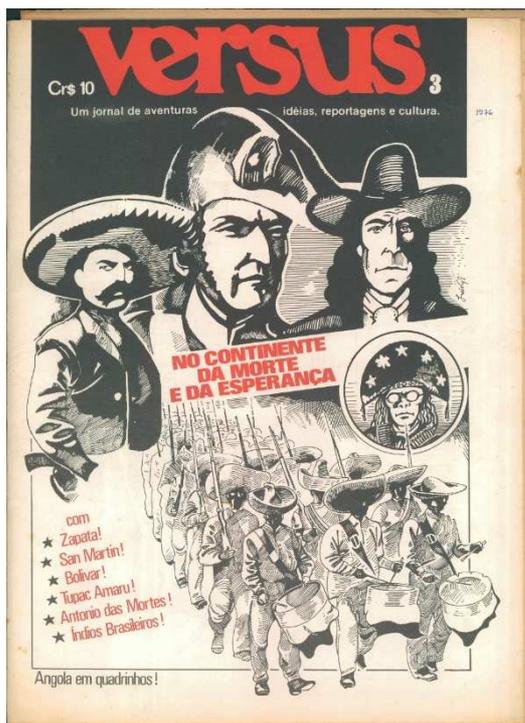
Death and resistance: Latin America according to the *Versus* newspaper (1975-1979)

Abstract: The article objective is to analyze through, the newspaper *Versus*, an alternative periodical that circulated between 1975 and 1979, we can observe a political culture of opposition and resistance in a context in which several Latin American countries were going through exception regimes. The theme of Latin America was one of the aspects that distinguished the newspaper from other journals in an approach that sought to use the signifier of death as an allegory of a time of repression and political persecution. Subsequently, the theme of Latin America became one of the differences between the newspaper's producers. Such divergence occurred between the group of the journal's creator, Marcos Faerman, and the political organization Convergência Socialista, which later exerted influence and control over the journal, prioritizing themes on Brazilian politics to the detriment of the Latin American theme.

Key words: Alternative press; *Versus*; Latin America.



* ROBERTO DA SILVA RODRIGUES é mestrando em História Política pela Universidade Estadual de Maringá (UEM).



A história do jornal *Versus* está mesclada com a trajetória da organização política Convergência Socialista. A análise do objeto permite verificar que a intervenção da Convergência Socialista no jornal *Versus* significou uma mudança quanto à abordagem dos temas do jornal. Uma dessas modificações diz respeito, exatamente, a presença da temática sobre a América Latina. Em sua fase inicial, a identidade latino-americana de *Versus* pode ser facilmente observada, combinando significantes de morte e resistência. Entretanto, a partir do momento em que a Convergência Socialista¹ passa a exercer maior

¹ O Movimento Convergência Socialista foi organizado no Brasil por militantes trotskistas entre os anos de 1978 e 1992. Quando surgiram em 1978, tinham o objetivo de impulsionar um movimento pela criação de um partido socialista no Brasil. A Convergência Socialista foi uma organização pública lançado pelo grupo clandestino Liga Operária, filiada à Liga

influência sobre o periódico, referida temática vai perdendo espaço e a questão da conjuntura política brasileira ganha relevância como expressão de resistência política.

Um dos fatos que pode elucidar este ponto de vista é o editorial que comenta o rompimento do líder do jornal, Marcos Faerman. Neste documento, os membros do conselho editorial do jornal *Versus* argumentam que o latino-americanismo do periódico encobria uma ausência de debates em relação à realidade política e social brasileira, portanto, tais divergências representaram uma fase de alterações na proposta jornalística do periódico. Desse modo, o presente artigo pretende analisar a presença da temática sobre a América latina e a ideia de morte e resistência, como alegoria de uma época, com foco na forma que este aspecto se apresentou como um dos temas de divergências entre os membros do conselho editorial. Estas divergências podem ser entendidas como indícios de diferentes entendimentos quanto ao preceito de jornal, ou seja, no que se refere ao período anterior da intervenção da Convergência Socialista, bem como a fase que sucedeu referida intervenção. A análise foi desenvolvida a partir do conceito de cultura política, entendida como o conjunto de crenças, normas, representações e valores que unem um grupo humano no plano político (SIRINELLI, 1997, p. 6).

Internacional dos Trabalhadores – Quarta Internacional, cujo maior representante, na América Latina, foi o militante argentino Nahuel Moreno.

O jornal *Versus*: uma apresentação

O jornal *Versus* detinha sua sede em São Paulo, sendo que, inicialmente, teve como idealizador e líder, o jornalista Marcos Faerman. *Versus* pertenceu à categoria conhecida como imprensa alternativa, onde se encontravam jornais como *O Pasquim*, *Opinião*, *Ex*, *Coojornal*, *Em Tempo*, *Bondinho*, *Poeira*, entre tantos outros. Referido perfil de imprensa era considerado alternativo ao modelo da grande imprensa tradicional, uma vez que se diferenciavam por seu caráter de oposição, contestação e resistência contra a repressão e censura do regime civil-militar, que vigorou no Brasil entre os anos de 1964 e 1985.

Os jornais alternativos caracterizaram-se pela experimentação e inovação jornalística, como pode ser observado pelo *new-journalism* norte-americano, que concebeu uma forma de se fazer jornalismo com a utilização de técnicas ficcionais na produção das reportagens. Os jornais alternativos também ficaram conhecidos como “nanicos”, pela adesão de publicações em formato tabloide, ou seja, menores em comparação com o formato standard da mídia tradicional.

Versus chegou a ter uma tiragem de mais trinta mil exemplares, com capas coloridas, cores fortes e atraentes, utilizando técnicas de publicação *offset*, em papel couchê. Considerado um objeto “bonito”, o projeto do jornal *Versus* pode ser vislumbrado como a iconografia de uma época, que “valorizava, sobretudo, a forma, numa ‘fusão de elementos usados livremente: jornalismo, fotografia, desenho, histórias em quadrinhos, literatura, poesia” (KUCINSKI, 2003, p. 249).

Para a historiadora Maria Paula Nascimento de Araújo o jornal valorizava a arte e a dimensão estética, combatendo a arte comercial e também a arte ‘didática’ da esquerda tradicional, mas valorizando a arte experimental, considerada de vanguarda, bem como a popular, dando espaço para artistas apontados como marginais. Em outros termos, o jornal evidenciou a criação de uma estética de ‘resistência’, expressa em palavras como dor, medo e angústia, calçada na exposição das emoções e dos sentimentos (ARAÚJO, 2000, p. 134).

Vale ressaltar que algumas influências tiveram sua cota de participação na idealização e realização do projeto jornalístico da *Versus*, como o já mencionado *new-journalism* norte-americano, a revista argentina *Crisis* e o jornal uruguaio *Marcha*. De modo que, a partir dos dois últimos exemplos o jornal *Versus* adota sua vocação para temas sobre a América Latina.²

O significativo da morte

A temática da América Latina é uma constante na fase inicial do jornal, retratando, portanto, os seus impasses contemporâneos. Percebe-se que, em suas páginas havia relatos de pessoas que estavam vivenciando o clima de perseguição política e repressão, período que marcou a realidade de diversos países da América Latina na década de 1970. Merecendo destaque a maneira com que o periódico relacionava referidos acontecimentos

² A influência e semelhanças estética e temática da revista *Crisis* sobre o jornal *Versus* é analisada por Xenya Bucchioni no artigo *Caminhos cruzados: de Crisis (1973-1976) a Versus (1975-1979) - A América Latina em questão*.

com um legado histórico de países que passaram por processo similar de colonização, sendo que, o jornal procurava relacionar as lutas contra o arbítrio da época com os embates de lideranças históricas, como Tupac Amaru II, Simon Bolívar e San Martín, pela libertação dos países da América Latina. O Jornal *Versus* pode ser identificado como repositório de um legado histórico de homens e mulheres que, frente às opressões que o processo de aculturação exerceu nos povos das Américas, ousaram expressar uma postura combativa.

Em sua primeira edição observa-se a presença da temática da morte para simbolizar a condição política que sujeitos históricos vivenciavam. Nota-se que, o destaque ao centro da figura, cuja face de uma pessoa evocando emoções de sofrimento e de dor, combina-se com os temas das reportagens destacadas na capa do jornal, a saber, “eu fui condenado à morte (confissões de um repórter argentino)”; “eu me condenei à morte (Diário de um escritor peruano)”; “nós vivemos na morte (a vida num hospício mineiro)”. Desse modo, a significativa morte é utilizada para metaforizar a situação política pelas quais diversos países da América Latina passavam.

Como forma exemplificativa, relevante destacar o tema explorado na reportagem sobre a organização direitista, na Argentina, responsável por atentados e perseguições, com vista a desestabilizar o governo de Isabel Perón. A matéria, escrita pelo jornalista Tomas Eloy Martínez, sobre a organização extremista AAA (Aliança Anticomunista Argentina), publicada no jornal argentino *La Opinión*, expressa que “lenta e silenciosamente, o medo se

apossou dos argentinos a partir de meados de 1974, porém, antes já havia iniciado sua luta para conseguir o domínio do corpo e da alma desses milhões de seres” (MARTINEZ, 1975, p. 4).

No rodapé da citada reportagem, na página 04 da *Versus*, contempla-se a seguinte declaração: “o homem que escreveu esta reportagem é um condenado à morte”. Tal declaração se deve, justamente, pelo fato de Tomaz Eloy Martínez denunciar, no jornal *La Opinión*, os métodos do grupo extremista AAA, escrevendo sobre um “grupo de assassinos não identificados, levando em um Peugeot preto dois rapazes cujos gritos de socorro ainda lhe perturbava o sono” (MARTINEZ, 1975). Em sua reportagem, Martínez critica a ideia de haver findado as ações da organização e se propõe a revelar o contrário, já que a existência de exílio forçado se tornara prática para segurança dos perseguidos pelo esquadrão da morte. Portanto, esta reportagem opera em denúncia das práticas do grupo de extermínio, as quais contribuíam para a criação do clima político de perseguição e medo.

Por sua vez, a reportagem ‘Diário de minha morte’ aborda relatos do escritor peruano José María Arguedas no período que antecedeu seu suicídio, em novembro de 1969, sendo que o texto apresenta passagens de parte do sofrimento psíquico no qual se encontrava. O primeiro diário de Arguedas, publicado em maio de 1968, conta que, em abril de 1966, o autor havia tentado realizar suicídio, bem como relata a luta diária do escritor, marcada por encontros com psiquiatras e pela busca do que Arguedas invoca como o ‘tônus de vida’, ou seja,

encontrar um motivo para a existência, algo que pudesse justificar sua atividade de escritor. Ao descrever seu sofrimento, o escritor peruano esclarece que não teme a morte, mas sim como encontrá-la. Escrever sobre esse sofrimento foi a recomendação dada à Arguedas, conforme relata o escritor:

Escrevo estas páginas porque me disseram exaustivamente que se conseguir escrever recuperarei a razão. Mas como não pude escrever sobre os temas escolhidos, elaborados, pequenos ou muito ambiciosos, vou escrever sobre o único que me atrai: isto de como não pude me matar e como agora esquento os miolos buscando uma forma de liquidar-me com decência, incomodando o menos possível, aos que lamentarão meu desaparecimento e àqueles a quem esse desaparecimento causará alguma forma de prazer (ARGUEDAS, 1975, p. 17).

Na publicação dos diários de José Maria Arguedas verifica-se, além da luta entre o desejo da morte e a justificativa para a vida, uma ética de uma cultura política de resistência. Desse modo, as publicações do jornal *Versus* focam em transmitir a mensagem e traduzir a cultura política do periódico, em uma época em que o medo e a morte pareciam sufocar a vida, sendo necessário resistir de alguma forma. Essa ideia pode ser compreendida pela próxima passagem do relato do diário de Maria Arguedas:

Para os impacientes são inaceitáveis os dias de cama ou de invalidez que antecedem a morte. Não; não suportaria nem suporte viver sem lutar, sem fazer algo para dar aos outros o que alguém aprendeu a fazer e fazer algo para enfraquecer aos perversos egoístas que

converteram milhões de cristãos em condicionados bois de trabalho (ARGUEDAS, 1975, p. 18).

Portanto, percebe-se que o jornal, ao publicar o relato de Arguedas, problematiza as condições dos sujeitos políticos, pois qual é o modo de vida possível quando se vive em uma ditadura? A resposta para esta pergunta é percebida na temática do jornal, ou seja, não se pode viver sem lutar.

A publicação dos diários de Arguedas possui conexões com o texto de Tomás Eloy Martínez, no que se refere a organização extremista AAA, a partir da ideia de morte e medo, situações contra as quais o jornal procurou lutar e denunciar, como indicado na reportagem ‘Necrotério Raul Soares’, onde são descritos fatos e situações na qual se encontravam pacientes do Hospital Psiquiátrico Raul Soares, em Belo Horizonte, no estado de Minas Gerais. A reportagem efetua uma crítica à Fundação Estadual de Assistência Psiquiátrica (FEAP), uma vez que, segundo o jornal, a fundação seria a responsável por “mortes absurdas” e desnecessárias no hospital, produzindo cadáveres dos “loucos mineiros”. Segundo a reportagem escrita pelo jornalista Durval Campos Guimarães, os donos do convênio entre FEAP e o hospital psiquiátrico estariam a vender os corpos dos pacientes para as faculdades de medicina de Belo Horizonte, antes mesmo de suas mortes (GUIMARÃES, 1975, p. 24).

O significativo da resistência

O termo resistência é outro tema significativo a perpassar as páginas de *Versus*. Na segunda edição, de dezembro de 1975, o jornal publicou reportagens com o tema “Histórias de

nuestra América”, edição inspirada no texto *Nuestra América*, do líder revolucionário e mártir da independência cubana e dos povos da América Latina, José Julián Martí Pérez. Em seu texto, datado de 30 de janeiro de 1891, José Martí realiza uma crítica à importação das ideias e formas de governo da Europa e EUA, defendendo que a América Latina deveria desenvolver suas próprias formas de governo, baseando-se na experiência histórica destes países (PERÉZ, 1975, p. 4).

O pensamento de José Martí insere-se no movimento das lutas por independência e libertação dos países latino-americanos no século XIX. A decisão pela publicação deste texto no século seguinte, pelo jornal *Versus*, pode ser entendida como uma iniciativa de resgatar a disposição de pensadores compromissados com a originalidade e autenticidade do pensamento do povo latino-americano. Em um passado não muito distante, os latino-americanos lutaram contra o jugo colonialista das potências imperialistas, e, posteriormente, viram-se na tarefa de construir as instituições políticas pós libertação. No contexto da década de 1970, também se entendia necessário recuperar o que havia de mais original no pensamento dos povos das Américas, em sua luta por liberdades democráticas, posto que, tais lutas passariam por uma crítica das instituições opressoras, como Martí Pérez realizou no século XIX:

Com os pés no rosário, a cabeça branca e o corpo tinto de índio e crioulo chegamos ao mundo das nações. Com o estandarte da Virgem partimos, à conquista da liberdade. Um padre, alguns tenentes e uma mulher levantam no

México a República, sobre os ombros dos índios. (PERÉZ, 1975, p. 4).

Nesse panorama, percebe-se a crítica ao que se refere a influência do clericalismo e do colonialismo que, nas palavras de Martí, se levantaram sobre os ombros dos índios. Na formação das repúblicas nas Américas, Martí exorta os negros, os índios e os camponeses da América Latina a marcharem por suas liberdades, criticando a ideia da existência de raças para diferenciação do ser humano, dado que, nesse contexto, não haveria ódio entre raças, pois, a seu ver, elas sequer existem.

Levando em conta o contexto histórico do jornal *Versus*, na década de 1970, o texto de José Martí, do ano de 1891, traça um paralelo entre a necessidade de afirmação de uma cultura e identidade latino-americanas, as quais sofriam a influência cultural e política dos EUA, como é o caso da ingerência norte-americana patrocinando os golpes militares nos países da América do Sul. Sendo assim, o jornal realiza uma identificação entre a situação cultural e política do texto publicado no final do século XIX e a necessidade de uma afirmação política e cultural na década de 1970.

Para comprovar o enfoque sobre a resistência política e cultural, verifica-se a reportagem “O guia da invasão”, que discute, em detalhes, a Operação Dominicana, que consistiu a invasão norte-americana na República Dominicana, em 1965, na crise política que se sucedeu após a derrubada do ditador Rafael Trujillo, em 1961. Nos episódios desta crise da história política da República Dominicana, o candidato eleito em 1962, Juan Bosch, iniciou reformas democráticas que

contrariavam os interesses das elites locais, portanto, como desdobramento, estas elites patrocinaram um golpe militar de direita, resultando na consequente invasão estadunidense.

A reportagem do jornal *Versus* sobre a Operação Dominicana comprova alguns aspectos sobre o jornal, primeiramente, a crítica ao imperialismo militar e econômico dos Estados Unidos, que neste caso se expressou na intervenção dos marines americanos, auxiliados pela presença de multinacionais, como a empresa do ramo de petróleo, Esso, que colaborou com os americanos fornecendo mapas sobre a região; (RANGEL, 1975, p. 7) e também revela a vocação internacionalista do jornal que se mostrou sensível às questões políticas de países do continente.

Versus publica, em sua terceira edição, textos a respeito do que se pode conceber como heróis libertadores da América Latina, tais quais, Emiliano Zapata, San Martín, Simón Bolívar e Tupac Amaru II. A propósito, o tema desta edição é “No Continente da morte e da Esperança”, sendo que a abordagem do jornal procura valorizar o pensamento e cultura latino-americana, por meio das ideias de referidas personalidades. Sobre Tupac Amaru II, o jornal começa com a publicação das palavras de um “velho” chefe inca, elogiando a sabedoria de seus antepassados que construíram Cuzco, Pisac, Macchu Picchu, Ollantaitambo. Conforme a reportagem, se o povo latino-americano vive no “atraso” e “ignorância” “seria devido aos espanhóis, por terem levado e despojado o ouro e prata das Américas e, inclusive, promovido o esmagamento da cultura dos povos latino-americanos. O texto sobre Tupac Amaru II é uma

narrativa escrita por Marcos Faerman, onde comenta sobre uma carta escrita ao rei da Espanha, Carlos III, a qual informa sobre a morte de Tupac Amaru e toda a crueldade que envolveu este processo (FAERMAN, 1976, p. 5).

A referida carta consiste em um diálogo entre o rei Carlos III e o autor da mesma, não sendo possível identificar se este diálogo realmente ocorreu, restando utilizada como forma de denunciar a brutalidade da exploração colonial por parte do Império Espanhol, que massacró os povos indígenas de Cuzco. “- Fico pensando (falou Carlos III), na conquista do Peru, feita à força de sangue, de enganos, matando-se até reis sem motivos, desprezando-se a amizade destes reis, à custa de roubos e assassinatos” (FAERMAN, 1976, p. 5).

Ao denunciar a violência do processo de submissão dos povos indígenas de Cuzco, Marcos Faerman também colabora para a reflexão sobre a condição indígena, que era comparada a um animal, sendo que os colonizadores se questionavam sobre a existência ou não de alma para os índios, se possuíam racionalidade, bem como eram forçados ao trabalho compulsório à força da chibata. Desse modo, a morte de Tupac Amaru II é emblemática para embasar a dominação de um povo pela força, pela subjugação de sua cultura a um império dominante, em um processo que traduz a violência da conquista da América.

O martírio vivido por Tupac Amaru II permite identificá-lo como herói da resistência dos povos indígenas da América Latina, onde outros nomes podem ser citados, como do líder da revolução mexicana e dos povos camponeses, Emiliano Zapata, sobre o

qual o jornal apresenta a tradução de um texto publicado na revista *Crisis*.

A reportagem sobre Emiliano Zapata consiste em uma narrativa sobre a condição de exploração dos camponeses mexicanos no governo do ditador Porfírio Díaz. Nesta narrativa observa-se a descrição de momentos da vida de Zapata, que após tentativas frustradas de tentar dialogar com o Porfírio Dias, sobre políticas que prejudicavam os camponeses, conclui que não haveria alternativa a não ser defender suas terras com a ajuda de armas. O texto sobre Emiliano Zapata é um testemunho do soldado Ubaldo Sanchez e do capitão Justino Franco, sendo relatados fatos históricos que envolveram o processo de formação do exército zapatista, na luta contra as injustiças dos espanhóis e do ditador Porfírio Díaz (SANCHEZ, 1975, p. 15).

Na narrativa sobre o líder Emiliano Zapata, o jornal expõe a história daquele que pode ser considerado um herói nacional no México e dos povos latino-americanos. Da mesma forma, em sua terceira edição, o jornal aborda o texto de José Martí “Três heróis: de José Martí para as crianças das Américas”, produzido em 1889, na cidade de Nova York, para uma revista infantil. No texto, traduzido por José Eduardo Mendonça e Wagner Carelli, são discutidos “valores como um pai a dar ensinamentos preciosos sobre a vida para seus filhos, estes valores partem de ensinamentos assimilados a partir da vida de personalidades como Simon Bolívar, padre Hidalgo e San Martin”. Assim, fala-se sobre a necessidade de levar-se uma vida honrada através de ideias como a verdade, a necessidade de lutar contra as injustiças, bem como defender o direito à liberdade. Ademais,

o texto discute a constituição dos valores de um homem e, neste caso, está associado à luta pela libertação, tal como Bolívar na Venezuela, Equador, Bolívia, Peru e Nova Granada (PERÉZ, 1975, p. 16). Pérez utiliza a ideia de pai e filho para metaforizar a condição dos heróis libertadores transmitindo ensinamentos para as futuras gerações das Américas, pois ao discutir a vida de padre Hidalgo o texto enfatiza o apreço do sacerdote pelos estudos e sua fome de saber, na medida em que é referenciado como uma liderança na luta contra a exploração dos negros escravizados e dos índios nas Américas. Resumindo, resta apresentado aos leitores do jornal aspectos da vida, através de valores como o de luta e coragem, utilizando como modelos os que são considerados heróis libertadores.

Se, por um lado, a América Latina pode ser vista como tema constante nesta primeira fase do periódico, é notório certo silêncio quando se trata de discutir a realidade política brasileira. Tal realidade vai se alterando a partir do momento em que militantes da Convergência Socialista ganham influência na linha editorial do jornal e começam a ganhar mais jornalistas para o projeto político da Convergência Socialista. Portanto, com a ambição de pautar os principais debates políticos da conjuntura brasileira, o jornal defende a criação de um partido socialista como a principal proposta política para a classe trabalhadora na época.

Com essas modificações, o “ecletismo” teórico da fase inicial do jornal cede lugar ao marxismo como filosofia do tabloide. Temas como morte, medo e a América Latina vão perdendo espaço, uma vez que a questão nacional

brasileira entra em debate. Com a possibilidade de uma transição democrática, o jornal passa a discutir mais intensamente a política nacional, dando repercussão para lideranças políticas do espectro democrático, intervindo em ações do movimento popular, estudantil e assembleias operárias. Em outros termos, o jornal se torna efetivamente militante, processo que marca uma modificação no padrão de sua linguagem.

Citada modificação na política editorial do periódico é um processo que pode ser verificado na temática e nos textos publicados do periódico, conferindo a distinção das fases de *Versus*. Pesquisadores como Xenya de Aguiar Bucchioni e Juliana Sayuri Ogassawara defendem que o jornal possuiu três fases, sendo a primeira marcada pela cultura como forma de ação política, da 1ª até a 12ª edição; a segunda da 13ª a 24ª edição, a qual dedica suas publicações a temas como a luta da população negra contra opressões; já a terceira fase compreende o período pelo qual o jornal passa a discutir a política nacional, da 24ª a 34ª edição (BUCCHIONI e OGASSAWARA, 2009, p. 3-4).

Entretanto, prefere-se contemplar o jornal em duas fases, onde a primeira representa o momento em que o jornal esteve sob a liderança de Marcos Faerman, durante o período de outubro de 1975 a fevereiro de 1978, com ênfase sobre a questão latino-americana. No que se refere a segunda fase, cobre o período de setembro de 1978 a outubro de 1979, sendo a fase da virada socialista.

Alguns fatos permitem mensurar esta distinção de fases do periódico, como é

o caso do editorial intitulado “Um novo *Versus*”, de fevereiro de 1978, bem como a carta de rompimento de Marcos Faerman, publicada na edição de agosto de 1978. Segundo o editorial de fevereiro de 1978, o jornal havia mudado, “era preciso ganhar em clareza, aprofundar nossas análises, solidificar o pensamento de nossa redação, para, de uma forma mais correta, ao menos, sermos mais úteis aos nossos leitores” (UM, 1978, p. 2).

Este processo revelou uma influência da radicalização do debate político na redação do jornal:

Versus, que inicialmente estava completamente voltado para a cultura como forma de ação, assumiu o discurso político. E passou não só a discutir a conjuntura nacional, suas opções, como também a se identificar com as correntes que entendiam que só há uma maneira de construir uma democracia para o nosso povo: pela construção de um partido socialista (UM, 1978, p. 2).

O primeiro editorial do jornal tardou e sair, tendo sua publicação somente um ano depois do lançamento de *Versus*. Ademais, neste documento, de 6 de outubro de 1976, observa-se que o jornal tinha como proposta “fazer um jornalismo brasileiro assumindo a América Latina. Em que a busca de nossas raízes fosse um programa. No qual a História seria um tema tão importante quanto ‘as novidades’” (ANIVERSÁRIO, 1976, p. 2).

A partir do momento que a Convergência Socialista passa a ganhar espaço na redação do jornal sua proposta jornalística vai sendo modificada. Nesse panorama, conforme vislumbra Bernardo Kucinski, em

entrevista concedida pelo colaborador do jornal Jorge Pinheiro, havia duas propostas políticas para o projeto *Versus*, sendo a primeira delas a de Jorge Pinheiro, na qual entendia *Versus* como um instrumento do movimento democrático, e a outra, que teria prevalecido, de cooptação de quem trabalhava no jornal e, neste sentido, todo o movimento da Convergência Socialista teria se dado via *Versus* (KUCINSKI, 2003, p. 261).

E assim, nessa política aconteceram as adesões dos jornalistas Omar de Barros Filho e Hélio Goldztejei, que interviam no jornal em nome da Convergência. Desse modo, segundo Bernardo Kucinski, *Versus* passa de jornal que falava por metáforas para um discurso doutrinário, pois “para os leitores, a transformação do jornal começa com a capa, o Partido Socialista está nascendo, de dezembro de 1977. Em janeiro, Jorge Pinheiro entra no jornal e no número de março, já sob o controle da Convergência. *Versus* ‘assume’ o discurso político”.

O jornal foi virando boletim do partido... no país inteiro tinham usado *Versus* para organizar o partido. Os trotskistas haviam inflacionado o jornal, profissionalizando todo mundo contra a opinião do colaborador Paulo de Tarso, e sem precisar, porque todos escreviam de graça para *Versus*; com isso, fomos ficando ainda mais dependentes deles, era proposital, para o jornal perder a independência... quando senti que estava sendo usado, decidi mandar todos embora, e eu tinha condições legais, além do direito moral e de apoio da maioria da redação... mas aí recuei, tinha medo de que , se os expulsasse, a

repressão ia cair em cima deles (FAERMAN, 1990).

A história do jornal *Versus* está conectada com a história do movimento Convergência Socialista. A crise e o isolamento do movimento, pela criação de um partido socialista amplo no Brasil da década de 1970, produz seu impacto em *Versus*. Na edição número 24, de setembro de 1978, Marcos Faerman publica uma carta anunciando o abandono do jornal, neste documento está expresso os motivos de tal decisão, pelo fato da luta pelo partido socialista chegar a um impasse, observado pela baixa adesão militante em um contexto, em tese, mais favorável com a crise do regime militar. Em sua carta, Faerman escreve sobre “um empobrecimento editorial, na diluição da linguagem, na politização grosseira das questões, na exclusão de outros setores” (FAERMAN, 1978, p. 2).

Na visão da equipe da redação que permaneceu no jornal, a atitude de Faerman de romper com uma carta pública expressaria uma contradição, já que, inicialmente, Faerman havia sido persuadido da necessidade do jornal assumir um posicionamento político e defender a tese de criação de um novo partido socialista. A passagem citada anteriormente comprova que parte do conselho editorial do jornal se incomodava com a ênfase no tema da América Latina e a menor importância sobre a conjuntura política nacional. De todo modo, na interpretação de Bernardo Kucinski, o fim do jornal representaria um caso de assassinato cultural, considerando sua extinção um ano depois da crise interna do ano de 1978, com sua última publicação em agosto de 1979 (KUCINSKI, 2003, p. 268).

Considerações finais

O projeto editorial de *Versus* representou uma iniciativa nunca vista antes na história da imprensa brasileira, do ponto de vista de suas características estéticas e temáticas. Em seus quatro anos de existência, o jornal constituiu a expressão material de uma época, rompendo as regras da censura, bem como lançando para seus leitores uma interpretação sensível aos principais problemas políticos que afligiram os povos latino-americanos.

A narrativa de Bernardo Kucinski sobre a história de *Versus* defende que o jornal sofreu um golpe por parte da CS, apesar desta tese possuir alguma sustentação, entende-se que o contexto histórico no qual o jornal estava inserido exigia atitude de muita cautela, por parte dos sujeitos opositores ao regime militar. Antes de afirmar um posicionamento, a exigência inicial era sobreviver enquanto opositores do regime, utilizando de todos os recursos disponíveis, sendo *Versus* um deles.

Nota-se que, na primeira fase do jornal existiu uma consciência latino-americana que buscou nos heróis libertadores do século XIX as referências para expressar um pensamento rebelde e contestador. Ademais, uma cultura política latino-americana, consciente do passado de colonização dos países da América Latina, deixou sua marca de desigualdade e outras injustiças sociais. O jornal apostou na afirmação da identidade da cultura latino-americana como inspiração para a luta contra as opressões no século XX, sendo um testemunho concreto da utilização do passado na história recente da América Latina.

A experiência histórica e política do jornal evidencia formas e estratégias de resistência e luta política no contexto do regime de exceção. Sendo assim, em um primeiro momento o jornal privilegiou uma abordagem na qual o enfoque do discurso de denúncia operou por meio de uma linguagem metafórica, sendo que a ideia de morte é recorrente nesta primeira fase do periódico. Com este propósito, o jornal utiliza-se de exemplos sociais, políticos e culturais para indicar como, naquele contexto, a ideia de morte parecia sufocar a vida.

A partir do momento em que militantes trotskistas passam a ganhar espaço na redação do jornal, estes observam a necessidade de *Versus* assumir um discurso político mais propositivo e intervir de forma mais direta no debate de oposição à ditadura no Brasil. Esse momento marca uma metamorfose do periódico, tornando-se militante, passando a intervir de forma mais direta e clara no debate político. Processo este, que marcaria o início de seu fim.

Fontes

ANIVERSÁRIO. *Versus*, n. 6. São Paulo, p. 2, out. 1976.

ARGUEDAS, José Maria. Diário da Minha Morte. *Versus*, n. 1 São Paulo, p. 17, out. 1975.

ESCLARECEMOS. *Versus*, n. 24. São Paulo, p. 2, set. 1978.

FAERMAN, Marcos. Tupac Amaru: vida y muerte do Filho do Sol. *Versus*, n. 3. São Paulo, p. 5, mar. 1976.

FAERMAN, Marcos; et al. Sobre gaviões e passarinhos. *Versus*, n. 24. São Paulo, p. 2, set. 1978.

GUIMARÃES, Durval Campos. Necrotério Raul Soares. *Versus*, n. 1. São Paulo, p. 24, out. 1975.

MARTINEZ, Tomas Eloy. Argentina. **Versus**, n. 1. São Paulo, p. 4, out. 1975.

PÉREZ, José Julián Martí. Nuestra America. Trad. Plinio Dentzein. **Versus**, n. 2 São Paulo, p. 4, dez. 1975.

PÉREZ, José Julián Martí. Três heróis: de José Martí para as crianças da América. Trad. José Eduardo Mendonça; Wagner Carelli. **Versus**, n. 3. São Paulo, p. 16, mar. 1976.

RANGEL, Carlos. O guia da invasão. **Versus**, n. 2. São Paulo, p. 7, dez. 1975.

SANCHEZ, Ubaldo; FRANCO, Justino. ZAPATA. Trad. Wagner Carelli. **Versus**, v. 3. São Paulo, p. 15, mar. 1976.

UM novo Versus. **Versus**, n. 18. São Paulo, p. 2, fev. 1978.

Entrevistas

FAERMAN, Marcos. [entrevista concedida a] Bernardo Kucinski. **Jornalistas e revolucionários nos tempos da imprensa alternativa**. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2003, p. 364.

Bibliografia

ARAÚJO, Luis Carlos Eblak. **Versus e a Imprensa Alternativa, em busca de uma identidade latino-americana**. (1978-1979). São Paulo: USP. Dissertação de mestrado, 2002.

ARAÚJO, Luis Carlos Eblak apud VIEIRA, Isabel. Marcos Faerman um humanista radical. In: **Jornalistas Literários, narrativas da vida real por novos autores brasileiros**. Sergio Vilas Boas (Org.). São Paulo. Summus, 2007.

ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. **A utopia fragmentada: as novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

BARROS FILHO, Omar de. **Versus: páginas da utopia**. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2007.

BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (Coord.). **Para uma história cultural**. Lisboa: Estampa, 1998, p. 349-363

BUCCHIONI, Xenya. Caminhos cruzados: de Crises (1973-1976) a Versus (1975-1979) - a América Latina em questão. **Revista Brasileira de História da Mídia**, v. 5, n. 1. jan.-jun. 2016.

BUCCHIONI, Xenya de Aguiar e OGASSAWARA, Juliana Sayuri. Versus A busca por uma identidade cultural latino-americana. **Revista Acadêmica de La Federación Latinoamericana de Faculdades de Comunicación Social**. Diálogos de La Comunicación. Nº 79. Jan-jul. 2009.

CANDIDO, Jeferson. Versus: a arte como arma. **Boletim de Pesquisa NELIC**. V.5 n. 6/7. Polêmicas. 2003.

CANDIDO, Jeferson. **Dois lados da moeda? Versus, um jornal alternativo, e Cultura uma revista do MEC (1976-1978)**. Florianópolis. SC: UFSC. Dissertação de mestrado, 2008.

FARIA, Marcos Moutta de. **Partido Socialista ou Partido dos Trabalhadores? Contribuição à História do Trotskismo no Brasil. A Experiência do Movimento Convergência Socialista**. Rio de Janeiro, RJ: UFRJ. Dissertação de Mestrado. 2005.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários nos tempos da imprensa alternativa**. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

SIRINELLI, Jean-François – L'Histoire politique et culturelle. **Sciences Humaines**, Paris, n. 15, p. 157-164, out. 1997.

Recebido em 2020-09-22
Publicado em 2021-09-01